

NOTA SOBRE FREUD E SEARLE: INCONSCIENTE OU DISPOSIÇÃO

André Leclerc¹

ORCID iD: [0000-0002-4823-5883](https://orcid.org/0000-0002-4823-5883)

Resumo: Apresento inicialmente a tensão entre as duas abordagens aqui discutidas. A ambição racionalista de Freud de explicar uma variedade de fenômenos bizarros da psicopatologia ou da vida cotidiana o levou a ultrapassar os limites de seu Projeto fisicista e a admitir estados ou atos ao mesmo tempo *mentais e inconscientes*. O Naturalismo Biológico de Searle não admite um limbo entre as atividades mentais conscientes de um agente e a atividade eletroquímica de seu cérebro. Depois, apresento o argumento da continuidade que serve de base para justificar a doutrina de Freud. Aponto como problema central a dificuldade de unir uma força/pulsão com um sentido fregeano a partir de observações de Ricoeur. Finalmente, apresento o Princípio da Conexão de Searle e sua defesa do Disposicionalismo. Concluo na superioridade do Disposicionalismo, destacando a originalidade da contribuição de Searle.

Palavras-chave: Inconsciente; Disposição; Freud; Searle.

Abstract: I first present the tension between the two approaches here discussed. Freud's rationalist ambition to explain a huge variety of strange cases found in psychopathology or in everyday life led him to exceed the limits of his physicalist Project and to admit the existence of mental states or acts which are, at the same time, *mental* and *unconscious*. Searle's Biological Naturalism does not admit any kind of limbo between mental conscious activities of an agent and the electro-chemical activity of her brain. I then present the Continuity Argument used by Freud to justify his ideas on the unconscious. Following Ricoeur, I pointed out the main problem of his undertaking: to join, in a natural and understandable way, a force/drive with a Fregean sense. Finally, I present Searle's Connection Principle and his original defense of Dispositionalism. I conclude that Dispositionalism is a better option, taking side with Searle.

Keywords: Unconscious; Disposition; Freud; Searle.

1. Introdução: a tensão essencial

Como todas as doutrinas filosóficas de alguma amplitude e importância, as doutrinas de Freud não são livres de tensões e não se deixam interpretar tão facilmente. O famoso “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1895 apresenta uma ontologia preponderantemente fisicista (SMITH, 1999). Mas, fenômenos revelados sob hipnose, interpretação dos sonhos, e explicação de chistes e de “*mots d'esprit*”, poderiam ter obrigado Freud a reconhecer uma atividade propriamente mental, não consciente, com características indo além da atividade eletroquímica

¹ Doutor em Filosofia pela Université du Québec, Professor Titular da Universidade de Brasília (UnB) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica (2012-2014) e Tesoureiro da Associação Latino-Americana de Filosofia Analítica (2012-2014). E-mail: andre.leclerc55@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525569862867870>

do cérebro. A noção de inconsciente preenche esse papel explicativo. Temos desejos recalçados, diz a doutrina, e desejos, *qua* estados mentais, têm conteúdos representacionais. Um desejo sem conteúdo seria desejo de nada. A obra de Freud é tão impressionante que mais de um século depois ainda alimenta debates em filosofia da mente, com seus críticos e apoiadores.

Searle é um desses críticos respeitosos. Ele é cético quanto à existência do que lhe parece ser uma espécie de “limbo” entre as atividades conscientes de um agente cognitivo e a atividade neurofisiológica do cérebro, algo que seu Naturalismo Biológico – e o naturalismo em geral – não pode engolir. Veremos que o que é chamado de “inconsciente”, nesta perspectiva, identifica-se com o conjunto de suas propriedades disposicionais.

Freud ou Searle? Wittgenstein, um leitor de Freud, usa constantemente noções disposicionais (a compreensão linguística, por exemplo, é uma *habilidade*). No § 149 das *Investigações Filosóficas*, ele dá um aviso importante sobre os riscos de confundir o inconsciente e o disposicional:

Quando se diz que o conhecimento do ABC seria uma condição da mente, pensa-se, então, na condição de um aparato mental (talvez no nosso cérebro), por meio do qual explicamos as *exteriorizações* desse saber. Chama-se a uma tal condição de uma disposição. Não é sem objeção, entretanto, que se fala aqui de uma condição da mente, na medida em que deve haver dois critérios para a condição; a saber, um conhecimento da construção do aparelho independente dos seus efeitos. (Nada seria aqui mais desconcertante do que o uso das palavras “consciente” e “inconsciente” para o contraste entre a condição da consciência e a disposição. Pois esse par de palavras encobre uma diferença gramatical)².

Nesta breve nota, pretendo apenas avaliar a contribuição de Searle a uma concepção disposicional do mental que evita, como veremos, a aporia de uma combinação difícil, senão impossível, entre um sentido (fregeano) e uma pulsão.

2. O argumento da continuidade

Por que admitir, como Freud e outros, a existência de estados ao mesmo tempo mentais e inconscientes? Freud defende uma forma bastante radical de racionalismo que pretende apresentar uma explicação para uma coleção ampla de fenômenos tradicionalmente considerados refratários a qualquer empreendimento racional: sonhos, *mots d’esprit*, atos falhos, comportamentos obsessivos-repetitivos, melancolia etc.

² Tradução de João José R. L. de Almeida, *Wittgenstein Translations*, p. 108.

O Argumento da Continuidade, considerado a base da justificativa para admitir estados ao mesmo tempo mentais e inconscientes, é apresentado por Smith (1999, p. 64) do seguinte modo:

The principle of mental (semantic) continuity states that in any sequence of thoughts $t_1, t_2, t_3 \dots t_n$ when any two non-contiguous thoughts are such that the latter is cognitively derived from the former, some continuity-supplying thoughts must be assumed to have occurred during the interval between them...

A ideia de continuidade semântica pode ser explicada assim: quando dois pensamentos ou atos psíquicos se manifestam na mente de um agente, e que a sucessão desses parece absurda ou desconexa, a única maneira de tornar a sequência inteligível é postular, entre esses pensamentos, outros pensamentos, desta vez inconscientes para o agente, que reestabelecem uma conexão inteligível entre os elementos da sequência.

Freud, ele mesmo, justifica a existência do inconsciente exatamente desta maneira:

our assumption of the unconscious is necessary and legitimate, and that we possess numerous proofs of its existence. It is necessary because the data of consciousness have a very large number of gaps in them; both in healthy and in sick people psychical acts often occur which can be explained only by presupposing other acts, of which, nevertheless, consciousness affords no evidence.

...

All these conscious acts remain disconnected and unintelligible if we insist upon claiming that every mental act that occurs in us must also necessarily be experienced by us through consciousness; on the other hand, they fall into a demonstrable connection if we interpolate between them the unconscious acts which we have inferred. A gain in meaning is a perfectly justifiable ground for going beyond the limits of direct experience³.

Nossas experiências sensoriais (as dores, a audição de uma melodia, as sensações cinestésicas etc. são temporalmente organizadas, e claramente faz sentido falar de *continuidade*, pois nesse caso não pode haver “*gaps*”; de outro modo, nossa experiência sensorial seria um caos!⁴ Mas no caso de estados mentais com conteúdo conceitual, ou pensamentos, a situação parece bem diferente. Os pensamentos ou atos conscientes⁵ são individuados pelo conteúdo, e frequentemente com relações individuantes adicionais entre o conteúdo mental e objetos ou

³ FREUD, S. *The Unconscious*. In: GAY, P. *The Freud Reader*, 1989, p. 573.

⁴ Ver Leclerc (2017).

⁵ Na explicação dada por Smith (1999), o termo usado é “*thoughts*”, enquanto nos textos de Freud, o termo usado é “*psychische Akte*”, bem na tradição de Brentano.

substâncias do ambiente imediato. Mas pode haver interrupções entre dois atos mentais ou pensamentos. A maioria das vezes, nossos raciocínios são entimemáticos. Pulamos alegremente por cima de premissas para conclusões corretas porque nada nos obriga a justificar o argumento passo a passo. Para justificar a validade do argumento precisamos restituir as premissas que estão faltando, mas a validade lógica é uma noção *normativa*. As premissas não *causam* a conclusão; elas constituem uma *boa razão* de aceitar a conclusão.

Paul Ricoeur (1965) explica muito bem que a psicanálise tenta – e precisa – realizar a fusão de uma hermenêutica e de uma dinâmica (ou energética), e mostrar como é possível combinar um sentido e uma força. É também o que ele chama de “aporia” da doutrina de Freud⁶. Os casos invocados por Freud requerem ambos: relações entre sentidos, e poder causal ou capacidade de fazer acontecer algo. A teoria dos atos de fala faz precisamente isso, combinar sentido e força, mas a ideia de força ilocucionária é suscetível de uma análise por componentes, entre os quais, o mais importante, o objetivo ilocucionário, é a intenção (consciente) de realizar um ajuste entre a linguagem e o mundo de acordo com determinados parâmetros⁷. A execução de um ato ilocucionário da forma F(P) tem sempre um caráter intencional e consciente. A teoria do significado correspondente envolve sentidos fregeanos (do lado proposicional) e uma força F que representa o aspecto ilocucionário do significado (o aspecto que determina se o uso literal de uma frase deve contar como asserção, ordem, promessa, questão etc.). Forças ilocucionárias são partes do significado. Um locutor competente sabe que frases declarativas usadas literalmente servem para realizar atos assertivas, frases interrogativas servem para fazer questões, frases imperativas para dar ordens etc. Essa combinação força-sentido funciona bem para atos intencionais conscientes com parâmetros bem determinados. Mas não temos nada comparável com a energética do inconsciente. Não existe análise componencial de pulsão. Não se vê nesse caso como amarrar um sentido a uma força.

Como já mencionado, as doutrinas de Freud representam uma forma de racionalismo exacerbado, a vontade firme de encontrar explicações causais por trás dos fenômenos psicológicos e psicopatológicos mais bizarros. Mas, para quem não compartilha o otimismo metafísico de Leibniz, o Princípio de Razão Suficiente (que existe uma causa ou razão para

⁶ Ricoeur (1965, p. 76): “C'est ici que se constitue l'aporie : quel est le statut de la représentation par rapport aux notions de pulsion, de but de pulsion et d'affect? Comment composer une interprétation du sens par le sens avec une économie d'investissements, de désinvestissements, de contre-investissements?”

⁷ Ver John Searle & Daniel Vanderveken (1985). Os componentes de uma força ilocucionária são, além do Objetivo ilocucionário: o Modo de Realização do Objetivo ilocucionário; as Condições preparatórias; as Condições sobre o conteúdo proposicional; as Condições de sinceridade; e o Grau de potência das condições de sinceridade. O objetivo ilocucionário é o mais importante, pois determina os outros componentes da força e a direção de ajuste do ato ilocucionário.

todo o que acontece) é no mínimo discutível. Freud nunca renunciou a uma ontologia fisicista com a intenção de conferir à psicanálise o status de ciências da natureza. Como Habermas (1968/1976) notou, podemos estar diante de um mal entendido cientificista (*Selbstmißverständnis*) da psicanálise por ela mesma. A dificuldade em admitir a existência de estados mentais inconscientes *qua* estado mentais nos obriga a admitir um limbo entre as atividades conscientes do agente e a atividade eletroquímica de seu cérebro. Assim, somos naturalmente levados a uma forma de antirrealismo (o arcabouço freudiano é um conjunto de noções e instrumentos úteis, mas sem realidade psicológica), ou a admitir que a psicanálise só faz sentido como ciência hermenêutica, como teoria da interpretação.

3. Searle e o disposicionalismo

A tese de que as propriedades mentais são propriedades disposicionais ganha terreno recentemente na filosofia da mente. Os filósofos australianos mudaram nossa maneira de ver as propriedades disposicionais, na metafísica e na filosofia da ciência, com uma concepção realista dessas propriedades. Essa concepção difere muito da concepção empirista, dominante por muito tempo, que procura eliminá-las através de uma “análise condicional”, como as frases de redução *à la* Carnap ou o programa de tradução de Ryle. O funcionalismo, particularmente na versão de David K. Lewis, adota uma visão realista das disposições. Searle teve uma contribuição importante nessa concepção realista das disposições na filosofia da mente que ele conseguiu desenvolver em novas direções, em particular com suas ideias de Rede e de *Background*.

Searle (1995, p. 548) continua a usar a palavra “inconsciente” (*pace* Wittgenstein), mas o que qualifica como inconsciente para ele deve se submeter ao *Princípio da Conexão*:

There is a logical connection between the notion of consciousness and the notion of the unconscious such that in order for a state to be an unconscious *mental* state it must be the sort of thing that could be conscious in principle. I call the ‘Connection Principle’.

As propriedades disposicionais precisam de uma realização física. A solubilidade do açúcar é realizada fisicamente na sua estrutura molecular, e o mesmo vale para a liquidez da água, para a condutividade da prata etc. Da mesma maneira, as propriedades disposicionais *mentais* precisam de uma realização física nas estruturas finas do cérebro.

Podemos atribuir conhecimentos básicos a uma pessoa que está dormindo profundamente. Nossas capacidades fundamentais (como reconhecer os rostos), mas também nossos repertórios de habilidades, conceitos, conhecimentos, nossos idioletos, hábitos, gostos, inclinações, precisam de uma realização física no cérebro. Como funciona? Propriedades disposicionais causam suas manifestações típicas quando um conjunto de circunstâncias auspiciosas se torna presente. A solubilidade do açúcar se manifesta (ele se dissolve) quando colocado numa solução aquosa; a fragilidade do vidro se manifesta quando atingido por um objeto de massa suficiente e com velocidade inicial suficiente. Da mesma maneira, nossos conceitos, conhecimentos, habilidades, hábitos e rotinas etc. se tornam conscientes quando circunstâncias apropriadas são reunidas. Encontro-me raramente em situações tais que minha crença de que $2 + 2 = 4$ é “requisitada”, mas pode acontecer a qualquer momento. O resto do tempo, o cérebro, por assim dizer, toma conta dela.

Searle é um realista ingênuo do mental; os atos, eventos e estados mentais existem numa perspectiva subjetiva de primeira pessoa. Outros, como Galen Strawson e Tim Crane, adotam a mesma postura realista. Aliás, podemos questionar seriamente que sentido tem em negar a existência daquilo que é o mais íntimo para nós: nossa própria vida mental! Mas a realização física ou neurofisiológica dos estados mentais tem uma ontologia de terceira pessoa. Essa divisória não pode ser atravessada sem causar inconsistências. O mental inconsciente, ontologicamente, é uma aberração⁸.

Referências

FREUD, S. *Obras Completas (Standard)*. Imago. EPUD. 23 vols., 2013.

FREUD, S. *Das Unbewusste*. In: BAYER, L. & LOHMANN, H.-M. (orgs.). Stuttgart: Reclams Universal-Bibliothek, 2017 [1915].

GAY, P. *The Freud Reader*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1989.

HABERMAS, J. *Connaissance et intérêt*. Paris: Gallimard, 1976 [1968].

LECLERC, A. Conhecimento e Disposições em Wittgenstein: O parágrafo 149 das *Investigações Filosóficas* e o Anti-disposicionalismo. In: SALLES, J. C. (Org.). *Certeza*. Salvador: Quarteto, p. 11-28, 2012.

⁸ Agradeço à Gesuína de Fátima Elias Leclerc pela leitura atenta e pelas sugestões sempre úteis, bem como ao Prof. Maxwell Lima filho, pelo convite e pelos comentários.

LECLERC, A. Disposições e Ações Intencionais. In: GONZALEZ, M. E. Q.; MORAES, J. A. & KERR, D. M. (Orgs.). *Informação e Ação: Estudos Interdisciplinares*. São Paulo: Editora Acadêmica, 2016, p. 110-36.

LECLERC, A. Intentionality and the Continuity of Experience. *Principia*, v. 21, n. 2, p. 235-49, 2017.

RICOEUR, P. *De l'Interprétation*. Essai sur Freud. Paris: Seuil, 1965.

SEARLE, J. *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind*. Cambridge: C.U.P., 1983.

SEARLE, J. & VANDERVEKEN, D. *Foundations of Illocutionary Logic*. Cambridge: C. U. P., 1985.

SEARLE, J. *The Rediscovery of Mind*. Cambridge (MA): MIT Press, 1992.

SEARLE, J. Searle, John R. In: GUTTENPLAN, S. (Ed.). *A Companion to the Philosophy of Mind*. Oxford: Blackwell, 1995.

SEARLE, J. *Mind: A Brief Introduction*. Oxford: O.U.P., 2004.

SMITH, D. L. *Freud's Philosophy of the Unconscious*. Dordrecht: Springer, 1999.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Edição bilíngue. Oxford: Wiley & Blackwell, 2009 [1953].

WITTGENSTEIN, L. *Philosophische Untersuchungen / Investigações Filosóficas*. Edição bilíngue. Tradução, notas e apresentação de João José R. L. de Almeida. WT Wittgenstein Translations. Sem data [1953].